

O PAPEL DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS MUNICÍPIOS DE REDENÇÃO E ACARAPE/ CEARÁ

Wellington Brito e Souza¹
Gislene Lima Carvalho²

RESUMO

Este artigo tem como finalidade apresentar um panorama a respeito da atuação do intérprete de Libras, bem como as carências existentes no que se diz respeito à educação inclusiva para os surdos nas cidades de Redenção e Acarape, no estado do Ceará. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e de campo. Para a coleta de dados realizamos, inicialmente, um levantamento de quais escolas contavam com a presença de profissional na área de Libras e, posteriormente, aplicamos um questionário a três intérpretes com perguntas relacionadas à formação, atuação e desafios enfrentados. Para a análise das respostas, baseamo-nos em autores como Santos (2013), que apresenta as carências referentes à Libras no ensino; Oliveira e Silva (2016), que mostram a importância do intérprete dentro da sala de aula e Quadros (2001), que aborda as capacidades que um bom intérprete deve ter, entre outros autores. Após a análise, constatamos que se trata de uma área muito carente de profissionais, algumas instituições até demonstram o interesse em desenvolver atividades relacionadas à Libras, porém, existem algumas realidades que impedem a contratação do profissional e a principal causa relatada foi a ausência de alunos surdos na instituição. Sobre o papel do intérprete, podemos observar que ele é fundamental para que o aluno surdo esteja nas escolas e acompanhe as aulas, no entanto não é dada a devida importância a este profissional, uma vez que há poucos surdos matriculados nas escolas. Através dos resultados, percebemos que ainda é preciso investir e valorizar os profissionais desta área da educação nas escolas de ensino básico. É necessária a implementação de ações que busquem evidenciar a importância do ensino de Libras bem como os profissionais desta área.

Palavras-chave: Intérprete. Libras. Educação inclusiva. Surdos.

ABSTRACT

This article aims to present an overview of the performance of the Libras interpreter, as well as the existing needs with regard to inclusive education for the deaf in the cities of Redenção and Acarape, in the state of Ceará. It is a qualitative and field research. For data collection, we initially carried out a survey of which schools had the presence of professionals in the field of Libras and, later, we applied a questionnaire to three interpreters with questions related to training, performance and challenges faced. For the analysis of the answers, we based ourselves on authors such as Santos (2013), who presents the needs related to Libras in education; Oliveira and Silva (2016), who show the importance of the interpreter in the classroom, and Quadros (2001), who address the skills that a good interpreter must have, among other authors. After the analysis, we found that this is a very lacking area of professionals, some institutions even show interest in developing activities related to Libras, however, there are some realities that prevent the professional from being hired and the main reason reported was the absence of students deaf people in the institution. Regarding the role of the interpreter, we can observe that

¹ Graduando do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. E-mail: wellingtonbritos@gmail.com

² Orientadora. Professora do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. E-mail: gislenecarvalho@unilab.edu.br

it is essential for the deaf student to be in schools and follow the classes, however this professional is not given due importance, since there are few deaf students enrolled in schools. Through the results, we realized that it is still necessary to invest and value professionals in this area of education in primary schools. It is necessary to implement actions that seek to highlight the importance of teaching Libras as well as professionals in this area.

Keywords: Interpreter. Libras. Inclusive education. Deaf.

1. INTRODUÇÃO

A situação do surdo no que diz respeito ao ensino tem causado discussões entre educadores, pois não é dado o devido suporte para que o surdo tenha oportunidades de estudos. Neste contexto escolar, podemos ver a carência de profissionais nesta área o que reflete no ensino, especialmente no que se refere à presença de intérpretes nas escolas e em outros ambientes de ensino, profissional imprescindível para a inclusão do aluno surdo. Portanto, nosso objetivo é traçar um panorama da atuação do intérprete de Libras nos municípios de Acarape e Redenção, no estado do Ceará. Assim pretendemos refletir sobre ações que incentivem a valorização do profissional bem como esta área da educação, além disso apontaremos as dificuldades existentes no que se refere a essa área de atuação.

Pretendemos, através desta pesquisa, apresentar e refletir sobre o contexto de Libras no maciço de Baturité, mais precisamente nos municípios de Redenção e Acarape, as condições dadas aos intérpretes para a execução do trabalho dentro da Sala de aula, bem como as dificuldades por eles apresentadas, qual a sua formação dentro desta área; como o poder público tem investido na formação desses profissionais, uma vez que a lei 10.098 de 2000 estabelece ao poder público a obrigatoriedade de cuidar e investir na formação de intérpretes na língua de sinais. Para isso, aplicamos um questionário a três profissionais intérpretes de Libras que atuam na região citada. As perguntas versam sobre a formação, atuação e dificuldades enfrentadas pelos profissionais para, dessa forma, traçarmos um panorama de atuação.

O estudo apresentado neste trabalho é importante para que se reflita acerca da necessidade de que todos tenham o conhecimento a respeito da Libras, bem como entender a importância do profissional atuante dentro desta área. A atuação de poucos profissionais em escolas e universidades faz com que o conhecimento da língua fique restrita aos espaços que têm alunos surdos, o que dificulta a compreensão de que estes

profissionais são necessários também para proporcionar conhecimento da língua ao público ouvinte.

Este artigo será organizado da seguinte forma: Inicialmente trataremos brevemente do contexto de Libras no Brasil. Após este contexto, iremos falar sobre a profissão do intérprete, foco deste trabalho. Depois disso, iremos analisar as respostas dos questionários aplicado aos profissionais e, por fim, traremos as considerações finais suscitadas desta pesquisa.

2. O CONTEXTO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

Para início de conversa, é importante falarmos um pouco sobre o que é surdez do ponto de vista médico e, também, do educacional, que é o foco da pesquisa. De acordo com a biblioteca virtual em saúde do Ministério da Saúde³, define-se como surdez a “impossibilidade ou dificuldade de ouvir.” Esta dificuldade apresenta diferentes níveis definidos como ligeira, média, severa, profunda. Do ponto de vista educacional, refere-se à dificuldade que a criança surda tem para aprender a se comunicar devido à falta de insumo por via auditiva. Ainda sobre o conceito de surdez, Quadros (2003, p 68) afirma que:

Se pode estabelecer uma raia divisória entre a concepção clínica de surdez e a concepção socioantropológica. Ao contrário da concepção clínica que visa à medicalização, ao tratamento, à normalização do surdo, à concepção sócio antropológica, reconhece surdez como uma experiência visual[...] como uma forma distinta de conceber (de “ver”) o mundo. (QUADROS, 2003, p. 68)

Portanto, faz-se necessário tomar algumas medidas educacionais para que a inclusão dos surdos ocorra socialmente e essa inclusão pode se dar, inicialmente, através da educação. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE⁴, de acordo com censo realizado em 2011, apresenta que cerca de 10 milhões de pessoas apresentam algum grau de surdez, o que equivale a 5% da população. Um número bastante relevante para se pensar em mais políticas públicas voltadas para o público surdo. Já em

³ Link: <https://bvsmis.saude.gov.br/surdez-3/>

⁴ Ibge.gov.br

relação às universidades, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep demonstra que apenas 12% das universidades oferecem o curso de Graduação em Libras, esse baixo número traz muitos prejuízos para o ensino da língua, pois quanto menor for a oferta de cursos para formação de profissionais, menos intérpretes teremos, o que não é bom considerando o total de surdos existentes em nosso país.

Historicamente a língua Brasileira de Sinais acompanha o tratamento dado aos surdos pela sociedade no Brasil. Em determinada época, os surdos eram considerados como seres cuja educação era impossível, ou seja, seres que não eram e nem seriam educados. Amaral (2017) afirma que foi preciso desmistificar a ideia de que o surdo não teria capacidades intelectuais para desenvolver qualquer tipo de atividade. Segundo (Amaral 2017, p.01), “Tais ideias errôneas sobre os surdos geraram preconceitos que muitas vezes perduram até a atualidade. Portanto, é importante romper com esses estigmas para que os surdos tenham uma melhor integração na sociedade.” Ainda sobre o tratamento dispensado aos surdos, Goldfeld (1997) apud Araujo et al. (2015, p. 01) relata que

Os surdos eram tratados com piedade e vistos como pessoas castigadas pelos deuses, sendo abandonados ou sacrificados. A surdez e a conseqüente mudez eram confundidas com uma inferioridade de inteligência. E até o século quinze foi visto como uma pessoa primitiva que não poderia ser educado. (GOLDFELD (1997) apud ARAUJO et al. (2015, p. 01)

Dentre as primeiras ações para a modificação de tratamento e pensamento acerca da pessoa surda foi a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), em 26 de setembro de 1857, fruto da luta que ficou marcada pela atuação de um surdo Frances, chamado Eduard Huet, que recebeu um convite de D. Pedro II para fundar a primeira escola para surdos do País. Assim como todas as disciplinas, a Libras também passou por um longo período para ser aceita na sociedade brasileira. Foi preciso um longo processo de estudos, pesquisas e reivindicação para que a língua fosse finalmente oficializada quando ano de 2002 finalmente foi reconhecida como língua oficial do Brasil pela Lei 10.436/2002. A oficialização trouxe algumas outras políticas e conquistas, das quais citamos algumas.

Lei nº 4.304 de 07 de abril de 2004 - Lei que determina nas propagandas políticas o uso de recursos visuais.

Art. 1º - as comunicações oficiais de campanhas, programas, informes, publicidades e atos da administração direta e indireta do Estado, difundidas pela televisão, deverão conter subtitulação (legendas) e terão tradução simultânea para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a fim de assegurar sua compreensão pelos portadores de deficiência auditiva, em consonância com o disposto no art. 19 da Lei Federal nº10098/2000.

Podemos ver que esta Lei é cumprida, pois, se acompanharmos os programas de estado, (propagandas políticas) notamos que há um intérprete facilitando o entendimento por parte dos surdos. Mas ainda é possível ver falhas, pois acreditamos que a presença do intérprete nos programas de televisão deveria ser além dos programas de Estado. Neste sentido, faz-se necessário uma legislação que englobe as demais programações de televisão.

No ano de 2008, foi instituído o dia 26 de setembro como o Dia Nacional do Surdo. Esta data se dá devido ao fato de ser a data de fundação do INES, primeira escola para surdos do Brasil, conforme já informado. O que podemos trazer como reflexão é o desconhecimento da sociedade em geral a respeito da data e de sua importância, ou seja, percebe-se que esta data só é lembrada pelo próprio público surdo ou por quem a ele está ligado. Pensando no âmbito da educação, se uma escola tiver algum aluno surdo, possivelmente este dia será lembrado, caso contrário fica no esquecimento.

Finalmente, no ano de 2010 foi regulamentada a profissão de tradutor e intérprete de Libras através da Lei de número 12.319, de 1º de setembro de 2010. O Art. 1º desta lei regulamenta o exercício da profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS.

Como podemos ver, a Libras foi reconhecida como língua oficial em 2002, e só 8 anos depois se começou a pensar no profissional desta área e sua formação. E nos fica uma pergunta: e antes da lei 12.319/2010? Como esse público era assistido? Jardim e Leão (2016) afirmam que por muito tempo esses alunos foram negligenciados e que só depois que chegam à faculdade é que os problemas ganham destaque. Aponta ainda que, ainda hoje, muitos alunos surdos estão na sala de aula sem a presença do intérprete, uma

vez que é uma área muito carente de profissionais e os governantes acabam por não querer fazer investimentos.

Em 2015 foi publicado o Estatuto da Pessoa com Deficiência, que visa garantir educação, lazer, trabalho e cultura a quem apresenta alguma deficiência. Através da publicação deste Estatuto, a garantia das leis, dos direitos e deveres das pessoas com algum tipo de deficiência estarão mais asseguradas. Ele vem garantir o acesso à saúde, educação e, também, punir as possíveis discriminações que ocorrerem com quem tenha algum tipo de deficiência. Especificamente sobre o público surdo, para o cumprimento do que prevê o estatuto, faz-se necessária a presença do profissional intérprete de Libras para que o acesso às áreas citadas seja alcançado.

Mesmo depois de todas as conquistas citadas, a Língua Brasileira de Sinais, na prática, é pouco conhecida e utilizada pelo público ouvinte, apesar de ter sido oficializada, o que dificulta a inclusão dos surdos e contribui para a manutenção do preconceito que vem de muito tempo. Se formos analisar na prática, a oficialização da Libras trouxe benefícios, mas ainda faltam ações para que ela alcance um índice maior da população. De acordo com Santos (2013.p.3):

(...) apesar de regulamentada, a LIBRAS carece de uma sistematização em seu ensino, uma vez que o decreto federal apenas faz vagas referências sobre o uso e difusão da língua para o acesso das pessoas com surdez à educação formal, indicando a necessidade de haver cursos de formação de professores e de intérpretes da língua através de instituições competentes para tal [...]. A distância entre a pessoa surda e o conhecimento acadêmico, e a ausência dela nos espaços escolares, só reforça o mito, por causa da ignorância, de que a LIBRAS não é língua natural, ou é mera linguagem dependente das línguas faladas. (SANTOS, 2013, p. 3)

O Ensino de Libras ainda é muito limitado. Em nossa pesquisa, observamos que, das escolas visitadas, apenas uma tem um projeto voltado para este ensino. É preciso que a Libras não seja trabalhada apenas dentro das salas que têm alunos surdos, ou seja, o aluno ouvinte não precisa chegar no ensino superior para ver algo de Libras. A inclusão precisa ser feita em ambos os lados para que a Libras e o seu ensino, bem como o profissional, ocupem o lugar da relevância que têm.

Acreditamos que fazendo este investimento em relação aos profissionais da Libras, podemos diminuir os preconceitos. A Libras ainda não ocupa o espaço que é para ser ocupado dentro dos âmbitos educacionais. É preciso desmistificar certas ideias negativas com relação a esta área, precisamos mostrar que é tão importante quanto as outras disciplinas. No tópico seguinte, trataremos da atuação do intérprete de Libras.

3. A PROFISSÃO DE INTÉRPRETE DE LIBRAS

Aqui vamos começar retomando as conquistas que foram citadas anteriormente e que estão diretamente relacionadas à atuação do intérprete e documentos que ajudaram no reconhecimento deste profissional, e aqui de forma especial nos remetemos à Lei 12.319, de 1º de setembro de 2010, que regulamentou a profissão do Intérprete em LIBRAS, fazendo com que aqueles profissionais que realizavam seu trabalho informalmente pudessem o fazer de uma maneira formal. Segundo Oliveira e Silva (2016, P 698), “Uma vez que o intérprete está inserido na escola, o trabalho de tradução, interpretação e o trabalho docente, de certa maneira, articulam-se na atuação deste profissional, produzindo novas configurações.”

Nesse sentido, vale ressaltar a diferença que existe entre o tradutor, tradutor-intérprete e o tradutor-intérprete da língua de sinais. De acordo com Jardim e Leão (2016, p 04), “tradutor é aquele que traduz o texto escrito de uma língua para outra, o tradutor intérprete é aquele que traduz e interpreta o que foi dito e o tradutor-intérprete da língua de sinais é aquele que traduz e interpreta a língua falada para a língua de sinais e vice-versa.”

Assim, cabe ao intérprete fazer um trabalho de excelência para que o aluno surdo não se prejudique. É necessário que este profissional seja bilíngue, ou seja, tenha conhecimento tanto da Libras quanto do português e procurar ser o mais fiel possível quando estiver traduzindo e, principalmente, dentro da sala de aula, mas é importante também saber que o intérprete não pode ser confundido com o professor para que, assim, não atrapalhe o seu trabalho e nem muito menos o aprendizado do aluno surdo. Sobre isso Oliveira e Silva (2016, p.708) afirmam que:

[...]embora o intérprete tenha um papel fundamental em relação ao aprendizado do aluno surdo, e sua atuação em alguns momentos se

equipare à do professor, em nosso entendimento, ele não é o professor do aluno e, apesar de ter uma parcela de responsabilidade nos processos de ensino e de aprendizagem, é ao professor regente que cabe conduzir o ensino. (OLIVEIRA E SILVA, 2016, p.708)

Para que o intérprete faça um bom trabalho na sala de aula, é necessário que ele tenha algum conhecimento acerca do que vai tratar a aula para que sua tradução não seja feita de qualquer forma.

Para o sucesso de aulas que tenham a presença de um público surdo, é necessário um planejamento por parte do professor regente em cima das atividades propostas pelo intérprete, ou seja, o trabalho deve ocorrer de forma compartilhada. Esse envolvimento vai garantir o acesso ao conteúdo para ambos os públicos presentes na sala de aula, seja com deficiência ou não e essa também é uma forma de quebrar as barreiras e praticar a inclusão.

Quadros (2004) afirma que um bom intérprete tem que ter a capacidade para intermediar as várias relações existentes dentro da sala de aula, seja professor x aluno, seja aluno ouvinte x aluno surdo, e isso torna as responsabilidades deste profissional um pouco difícil de serem determinadas. É importante que tenhamos em mente que quando uma pessoa resolve seguir a carreira de intérprete de Libras ela vai passar pelo mesmo processo de aprendizado que um intérprete de uma outra Língua, citamos este exemplo porque quando decidimos abordar este tema, conversando com algumas pessoas, tivemos algumas situações em que em que elas achavam que o intérprete de Libras concluiu a sua formação já sabendo de tudo. No entanto, o processo de aprendizado do intérprete se assemelha ao aprendizado de qualquer outra língua e continua ao longo do tempo. Conforme afirma Ferreira (2002, p. 21)

[...] seu processo é similar ao do falante de qualquer Língua, pois passa da compreensão passiva para a compreensão ativa e, finalmente ganha a segurança para a sua atuação em nível de fluência. Mesmo porque, este é o trajeto de todo falante, independente da modalidade Linguística que utiliza. (FERREIRA, 2002, p. 21)

Não nascemos sabendo de tudo, todo e qualquer aprendizado vem com o tempo. Quando se fala de educação, aprendizado e estudo sabemos que é um processo de tempo indeterminado, principalmente em relação à educação inclusiva dos surdos, bem como a

formação dos profissionais para este fim. Toda e qualquer língua vive em constante processo de mudanças e esse processo tem que ser acompanhado, principalmente os professores e intérpretes quando se trata da Libras. No tópico seguinte, apresentaremos os procedimentos metodológicos para que esse trabalho fosse realizado.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e descritivo, uma vez que o principal objetivo é descrever o panorama da atuação do intérprete de Libras e compreender a realidade da atuação do profissional nas cidades de Acarape e Redenção, no Ceará.

Como instrumentos para a realização dessa pesquisa foi aplicado um questionário, através de formulário eletrônico do Google. O questionário foi composto de sete questões a serem respondidas pelos participantes. As questões foram voltadas para a formação e atuação do intérprete de Libras.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa de campo em algumas das escolas municipais e estaduais nos municípios de Redenção e Acarape. Para a escolha dos profissionais participantes, utilizamos os critérios de formação e atuação dentro da área de Libras, bem como o contexto de atuação na região do Maciço de Baturité, nos municípios de Acarape e Redenção. De acordo com nosso levantamento, no Maciço de Baturité existem apenas 5 profissionais com formação adequada para desempenhar a profissão. Desses, conseguimos contato com três intérpretes que foram participantes para a realização desta pesquisa.

Das escolas visitadas, apenas uma tinha uma profissional que trabalhava na escola com Libras, apesar de sua formação ser em outra área, seu trabalho era para os alunos ouvintes, já que na escola não tinha alunos Surdos. Os dois outros participantes têm toda a formação exigida, mas não trabalham em escolas, atualmente seus trabalhos são voltados para ministrar cursos em instituições de Ensino Superior. A seguir, apresentaremos informações sobre os participantes, bem como o questionário por eles respondidos.

Quadro 1 - Participantes da pesquisa

PARTICIPANTE 1-	Ensino Médio - Acarape/Ceará
-----------------	------------------------------

PARTICIPANTE 2-	Instituições superiores – Redenção/Ceará
PARTICIPANTE 3-	Instituições Superiores – Redenção/Ceará

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 2- questionário da pesquisa

PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO
1- Há quanto tempo você atua na área de LIBRAS?
2- Qual sua área de formação?
3- Possui formação continuada na área de LIBRAS?
4- Qual sua carga horária voltada para LIBRAS?
5- Já trabalhou com alunos surdos?
6- Qual método você utiliza para as atividades com LIBRAS?
7- Na sua opinião, quais são as dificuldades encontradas neste ensino?

Fonte: elaborado pelo autor

Após a caracterização da pesquisa e apresentação das perguntas, passamos para a análise das respostas dos participantes.

5. DESCRIÇÃO DAS RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES

Como dito anteriormente, o trabalho foi pensado em cima das perguntas do quadro 2. Traremos, inicialmente, as respostas dos participantes e, em seguida, a análise. Para a pergunta de número 1, obtivemos as seguintes respostas: o participante 1 tem um ano de trabalho dentro da escola voltado para Libras. Já os participantes 2 e 3 têm cerca de 13 anos trabalhando com a Libras.

Para a pergunta de número 2, obtivemos as seguintes respostas: participante 1 tem licenciatura em Química; o participante 2 tem graduação em Pedagogia com especialização nas áreas da educação inclusiva, libras, neuropsicopedagogia, história, cultura indígena e africana; O participante 3 tem formação em Pedagogia, pós-graduação em Libras e matemática, atualmente é graduanda em História na UNILAB.

Os participantes têm formação em diferentes áreas, porém todas voltadas ao ensino. A formação em Libras com pós-graduação surgiu por várias situações, um deles afirmou que um dos motivos foi a questão da acessibilidade a um curso nessa área antes da sua formação principal; já o outro apontou como principal motivo a questão

financeira. Relatou ainda que só depois que entrou na faculdade seu interesse despertou para a área de Libras. Assim, resolveu concluir sua formação em pedagogia e depois buscou uma pós-graduação na área inclusiva, mas propriamente a Libras. Outro motivo em comum que eles apontaram foi a sensibilidade com as situações dos surdos na época, em ver a carência de profissionais que pudessem dar um apoio a esses alunos.

Na pergunta de número, 3 obtivemos os seguintes dados: participante 1 nos repassou que começou seu contato com a Libras na faculdade e depois fez alguns cursos fora da faculdade. O participante 2 possui formação técnica em tradutor e intérprete de Libras e vários cursos na área de educação inclusiva. O participante 3 possui alguns cursos básicos, formação de intérprete e pós-graduação.

Na pergunta 4, foram nos apresentadas as seguintes informações: participante 1 por trabalhar em uma escola de Ensino Médio e que não tem a presença de alunos surdos, sua carga horária voltada para a Libras é de apenas 2 horas semanais, essas duas horas são utilizadas por alunos ouvintes com a oferta de um curso complementar. Os participantes 2 e 3, por trabalharem especificamente com a Libras, têm cerca de 100 horas mensais para este ensino em instituições superiores.

Para a pergunta de número 5, obtivemos as seguintes respostas: participante 1 nos informou que na escola em que trabalha não teve contato com alunos surdos por não ter alunos surdos matriculados, e que seu único contato foi quando fez alguns cursos. O participante 2 nos informou que seu contato com a língua de sinais começou no Centro de Apoio ao Deficiente - CADE, no município de Maracanaú, na época como voluntário. Ele assim relata: “primeiramente tive contato com surdo na escola onde ninguém dava a mínima e daí partiu meu interesse”. Seu segundo contato com aluno surdo foi em uma escola no município de Redenção onde ele foi apresentado à comunidade surda e começou a ensinar Libras a este público. “Hoje ministro aula de Libras para faculdades e institutos pelo Ceara”, diz o participante. O participante 3 nos informou que seu contato com alunos surdos foi desde o início de sua formação.

Para a pergunta de número 6, obtivemos os seguintes resultados: o participante 1, por seu público se tratar de ouvintes, relata que sua metodologia é bem “prática”:

“eu monto o slide com imagens e escolho um tema para ser trabalhado, por exemplo :hoje nós vamos trabalhar sobre os cumprimentos, daí coloco algumas figurinhas relacionadas e aí diante daquela figura eu aponto já sinalizo e em seguida peço para eles

reproduzirem, daí eu vou observando se eles estão reproduzindo da forma correta e eu procuro sempre ao final de cada aula dessa desenvolver alguma atividade como dialogo que tenha alguma relação com que foi aprendido no dia e assim vou desenvolvendo e gosto muito de trabalhar com a questão de interpretação de música”. (Participante 1)

O segundo participante, por desenvolver um trabalho realmente voltado para a Libras e seu público, geralmente, ser composto por alunos surdos, seu método é a estrutura linguística da língua de sinais. O participante cita 3 autores que ele considera basilares para sua atuação, que são: Ronnis Muller, Ana Paula Santa e Capovilla. Por fim, o participante 3 utiliza o método de interpretação simultânea Libra-português/Português-Libras e leitura labial.

Por fim, apresentamos os dados referentes à última pergunta do questionário: o participante 1 afirma que uma de suas maiores dificuldades é em relação ao material didático, sobre isso ele afirma:

“como não sou formada na área eu preciso está pegando materiais na internet e a questão do regionalismo é outro problema pois não vou encontrar muitos materiais para o Ceará, pois não adianta eu ensinar aqui no Ceará algo usado lá em São Paulo. Os alunos são interessados pelo tema apesar da timidez de alguns, onde eles acabam não querendo reproduzir alguns sinais devido a timidez”. (Participante 1)

O participante 2, por sua vez, afirma que:

“A principal dificuldade, não minha, mas sim da própria sociedade do externo é a questão de as pessoas não entenderem o fator linguístico que o surdo carrega em si, onde na verdade a sua primeira língua é língua de sinais e a sua segunda Língua poderá ser o português ou outro idioma qualquer.” (Participante 2)

Outra dificuldade apontada pelo participante 2 é a seguinte:

“Outra dificuldade é de os professores aceitarem o modo como os surdos escrevem e a forma como o surdo usa a língua de sinais. Muitos deles foram ensinados aquele método de palavra, sinal e desenho e assim foram ensinando para muitos surdos. Hoje não, hoje se trabalha dentro de um fator pedagógico que você pode trabalhar o sistema linguístico desde a Educação Infantil, só que quando o Aluno

chega no Ensino fundamental e não tem o profissional que é outra coisa que barreira muito, principalmente no interior. Aqui no interior não existe profissionais da área de língua de sinais. Aqui no maciço de Baturité só são 5 profissionais com gabarito para estarem em sala de aula. Outra dificuldade também é a questão das escolas, da acessibilidade que as escolas não têm para isso e quando se existe surdo na escola existe uma lei para o contrato de um profissional da língua de sinais”. Por fim o participante 3 afirma que: “um dos maiores problemas seja a negação ao direito do surdo de ter a sua língua materna como primeira língua na modalidade de ensino e não ser avaliado em acordo com suas limitações, além dos entraves na família que geralmente não adota a Libras como língua e forma de comunicação”. (Participante 2)

Apresentadas as respostas ao questionário, no tópico a seguir apresentaremos a análise das falas buscando traçar o panorama de atuação destes profissionais.

6. ANÁLISE DOS DADOS

Partindo para a análise os dados coletados, iremos nos deparar com inúmeras situações, algumas positivas, outras negativas. Todas as questões elaboradas têm uma importância significativa para a compreensão da profissão do intérprete de Libras. Ao abordarmos a experiência, na primeira pergunta, consideramos que esta seja fundamental para a atuação destes profissionais. No entanto, conforme visto no tópico acerca do contexto de Libras no Brasil, percebemos a dificuldade para a formação destes profissionais, motivadas pelo fato de as políticas para este fim ainda serem recentes, além do pouco alcance ainda nas universidades, com apenas 12% delas ofertarem graduação na área. Percebemos, pelas respostas dos participantes desta pesquisa, que a formação se dá, sobretudo, pela realização de cursos independentes e de pós-graduação na área.

Além disso, é necessário destacar que a formação destes profissionais não se encerra nos cursos, ela deve ser contínua e fazer parte da atuação do intérprete. Além dos conhecimentos teóricos, o intérprete precisa ter todo um perfil para sua atuação. As características de personalidade podem ser desenvolvidas ao longo de sua formação, daí a importância das experiências com a profissão.

As perguntas de números 2 e 3 tratam da formação do profissional. Como foi citado anteriormente, o profissional para que seja habilitado para atuar no ensino como tradutor/ intérprete, tem que ter cursos profissionalizantes, cursos de extensão entre outros. Faz-se necessária que o profissional esteja sempre está em busca de aperfeiçoamento, pois se trata de uma língua e que pode ocorrer mudanças, como qualquer outra, então é preciso que haja formação continuada para estes profissionais. Quanto a este aspecto, os três participantes possuem a formação adequada para a atuação como intérprete. No entanto, apenas dois apresentam pós-graduação na área e nenhum tem graduação em Libras. De acordo com (BRASIL, 2010)⁵

Art. 4º - A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - Cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;

II - Cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III. (BRASIL, 2010)

Além disso, como falamos anteriormente, um bom intérprete tem que saber lidar com as várias situações. Jardim e Leão (2016) afirmam que é muito importante que esse profissional busque sempre está se aprimorando e buscando mais formações para que seu trabalho seja de muita e boa qualidade.

Outro aspecto a ser destacado é o contato com a língua de sinais por parte do participantes. Um dos participantes ressalta que a formação é muito importante, mas que um ponto crucial e que vai ajudar muito na formação é o tempo de contato que o profissional tem com a língua. Ele aponta que o ideal é que o profissional tenha uma formação de pelo menos 600h/a, para um bom domínio e um melhor contato com o surdo, seja através de uma instituição de surdo ou na própria comunidade em que ele está inserido. Pelos dados aqui analisados, apenas os dois participantes que atuam em instituições superiores têm esse contato mais massivo com a língua de sinais.

⁵ Link: <https://www.libras.com.br/lei-12319-de-2010>

Sobre a questão da carga horária, de acordo com um dos participantes, isso é muito relativo e vai depender muito da atuação do profissional naquele momento, pois o intérprete pode atuar dentro de uma sala de aula de várias formas. Se ele for dar uma formação de intérprete, terá uma carga horária, se ele for dar um curso básico já é outra carga horária, variando até 180 horas, a depender do curso. Então a carga horária do profissional vai depender muito do seu tipo de trabalho e do contexto no qual ele está inserido. Sobre este ponto, Jardim e Leão (2016, p.11) afirmam que:

O tradutor/ intérprete de LIBRAS é um profissional que sabemos que atua em diferentes contextos. O seu trabalho é importante, pois ajuda com a comunicação dos surdos. Apesar das várias áreas de atuação, as instituições de ensino são os locais onde os mesmos são mais *utilizados*, não podemos esquecer que o campo de atuação está cada vez mais amplo, assim já os vemos trabalhando em conferências, seminários, oficinas, minicursos, palestras, na realização de traduções escritas e no acompanhamento aos surdos. (JARDIM e LEÃO, 2016, p.11, *grifo nosso*)

Sobre essa citação, destacamos o termo “utilizados” para se referir aos profissionais e sua atuação nas escolas. Levando em consideração o termo e a realidade da região em que foi realizada esta pesquisa, podemos dizer que muitas vezes esse profissional é tratado como objeto de trabalho, uma vez que se ele não está atuando com alunos surdos, aparentemente não tem função nenhuma.

Sobre a carga horária dos participantes, podemos ver que o participante 1 ainda tem uma carga horária pequena voltada para a Libras, conforme relatado por ele. Mas que por ser algo novo na escola, futuramente esse horário seria expandido e talvez até estendido para a comunidade. Esta ação seria uma forma de alcançar a comunidade surda que não está nas escolas. Os dois outros participantes têm sua carga horária bem maior, acreditamos que pela formação e local de atuação, o que permite a ministração de aulas e cursos.

Em relação à pergunta de número 5, podemos trazer novamente a questão da experiência na qual o contato com o aluno surdo é de suma importância para o aprendizado de ambas as partes como já mencionamos em outro momento. Levando em consideração as respostas dos participantes, e com base no que já foi exposto anteriormente, além da formação específica exigida para atuação do intérprete, outro

fator muito importante é o contato com os alunos surdos, a experiência em que o profissional adquire com esse contato pode enriquecer ainda mais e contribuir para um ensino de qualidade.

O participante 1 seu contato com surdos, até a realização desta pesquisa, era muito pouco devido a escola não ter alunos surdos matriculados. Já os participantes 2 e 3 tinham uma experiência maior com o público surdo, tanto devido a sua formação, quanto ao tempo de atuação nesta área. Percebemos, aqui, que não há uma preocupação de inserir a Libras nas escolas da educação básica quando estas não têm alunos surdos em seu corpo discente, fato que dificulta a atuação do profissional e impacta no alcance que a língua terá junto ao público ouvinte, o que desconstruiria preconceitos enraizados.

A pergunta de número 6 traz uma reflexão acerca da metodologia utilizada pelos intérpretes dentro da sala de aula, algo que tem que ser muito bem planejado e pensado. De acordo com o que foi relatado, percebemos que o intérprete, quando atua em sala de aula que tem alunos surdos, o seu trabalho consiste em interpretar as aulas e ensinar a Libras para os alunos surdos. Acreditamos que este ensino poderia se estender para o público ouvinte. Defendemos, dessa forma, que a Libras já poderia ser uma disciplina obrigatória no ensino regular.

Podemos observar uma diferença das metodologias utilizadas pelo participante 1 das metodologias utilizadas pelo participante 2 e 3, e isso se dá pelo fato da formação e do contexto de atuação. Como o participante 1 não tem uma formação específica na área de Libras, ele passa algo muito superficial, o que não daria para utilizar em uma sala de aula que houvesse a presença de alunos surdos. Já a metodologia dos participantes 2 e 3, muito provavelmente, não seria possível de dar dentro de sala de aula em que só tivessem alunos ouvintes. Sobre isto, podemos destacar que é um desafio criar metodologias dentro de uma sala de aula em que se fala em inclusão, porém é preciso elaborar estratégias que beneficiem não apenas o público ouvinte, mas também o público surdo. Pois, como afirmam Lima, Maia e Silva (2017, p. 2)

Observando a educação de surdos em escolas regulares e ditadas inclusivas que sentimos a necessidade de criar estratégias de ensino que melhorem o rendimento escolar desses indivíduos. É comum ouvir dos professores de salas inclusivas um descontentamento com as práticas de ensino, principalmente as com alunos surdos. Esse problema se dá por motivos diversos, principalmente a falta de

conhecimento das práticas pedagógicas para surdos faz com que a educação desses indivíduos seja negligenciada. Há também a falta de interesse em aprender a língua de sinais causando uma lacuna na convivência com esses alunos. Muitos professores que têm alunos surdos em suas salas de aula não sabem como agir. Criar metodologias e estratégias parece uma tarefa difícil. (LIMA, MAIA E SILVA, 2017, p.2)

É preciso, portanto, que se façam investimentos na formação continuada para os professores, mesmo que não se tenha alunos surdos na escola. A Libras precisa ocupar seu espaço e ter sua importância tanto quanto as outras disciplinas. Essa falta de interesse de aprender a língua de sinais faz com que ela não tenha sua devida importância dentro do âmbito educacional inclusivo.

Pelo exposto, percebemos a necessidade de se pensar em formações conjuntas. Podemos apontar como um problema nas escolas regulares a falta de interesse na abordagem de Libras pela falta de alunos surdos. Acreditamos que estas escolas deveriam ter um olhar mais voltado para a importância e inclusão da Libras, pois acreditamos que é mais fácil os alunos ouvintes se adequarem às metodologias utilizadas voltadas para os alunos surdos do que os surdos se adequarem à metodologia voltada para os ouvintes.

Por fim, trazemos as reflexões sobre a última questão em que cada intérprete apresentou seu ponto de vista sobre as dificuldades. Além das mencionadas por eles, falta de material, desconhecimento do público em geral, destacamos a realidade da região do Maciço de Baturité, que é muito carente de profissionais nesta área. Em conversa com a direção das escolas, durante o levantamento em campo, foi nos informado que a falta de profissional se dá pela falta de alunos surdos. Isso nos faz questionar: será que a falta de alunos surdos nas escolas não se dá pela falta de condições de inclusão desses alunos? Ou não há surdos na região?

Pelo exposto, podemos perceber que o intérprete de Libras, na região do Maciço de Baturité, ainda é um profissional muito ausente, os poucos que atuam na área ainda não trabalham em escolas municipais ou estaduais. Além disso, enfrentam desafios em sua formação e em seu contexto de atuação. Dois dos três participantes fazem algum tipo de serviço para as instituições públicas. Percebemos que as instituições de ensino regular ainda carecem de um projeto inclusivo voltado para a Libras e para a

comunidade surda. Mais uma vez, afirmamos que não é necessário ter alunos surdos para se trabalhar a Língua Brasileira de Sinais, precisamos pensar em projetos que valorize o espaço da Libras bem como os seus profissionais pensando em abranger também a comunidade ouvinte.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo nessa pesquisa foi fazer um panorama a respeito do trabalho do intérprete de Libras nos municípios de Acarape e Redenção, no Maciço de Baturité, região do estado do Ceará.

Após a análise das respostas dos participantes, podemos concluir que a carência de profissionais voltados para a Libras é muito grande. Foram visitadas um total de 8 escolas da rede pública de Ensino Médio e Fundamental, nos municípios de Redenção e Acarape e só encontramos 1 profissional com atuação neste nível de ensino. Os demais participantes prestam ou já prestaram serviço ao município ou ao estado dentro das instituições.

Em algumas respostas dadas pelos participantes, podemos constatar relatos semelhantes, principalmente quando se trata das dificuldades encontradas ao longo do tempo. Os profissionais têm muito boa vontade e amor pela profissão, mas a ausência de alunos surdos nas escolas impossibilita de serem contratados e assim fazer seu trabalho. Ao nos depararmos com essa informação nos ficou a seguinte indagação: será que a ausência de alunos surdos nas escolas não se dá pelo fato de não ter profissionais habilitados? Ou pela falta de uma proposta de educação inclusiva? Estas podem ser questões para serem estudadas posteriormente.

Com isso, podemos ver que apesar das inúmeras conquistas dentro da área de Libras, há muito o que ser feito para que o profissional intérprete seja de fato valorizado e conseqüentemente a Libras figure como elemento da educação inclusiva. Diante de tudo que foi discutido, qual, então, o papel do intérprete de Libras? Podemos dizer que seu papel é de suma importância para levar educação e garantir o direito do público

surdo de ter acesso à educação, além de integrar a Libras às vivências do público ouvinte.

É necessário, portanto, que se desfaçam algumas ideias errôneas em relação ao público surdo. Acreditamos que não é preciso que se tenham alunos surdos dentro das escolas para ter um trabalho dentro desta área e, assim, contratar os profissionais. É necessário que se faça a elaboração de projetos de educação inclusiva, mostrando a importância da Libras, bem como os profissionais atuantes, dessa forma estaremos valorizando o profissional e fazendo com que ele tenha uma visibilidade dentro da área educacional, visto sua importância para a inclusão do surdo nas escolas e conhecimento da língua de sinais por parte do público ouvinte.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, S. C. **O surgimento da libras e sua importância na comunicação e educação dos surdos**. [s.n.]:Universidade Federal do Piauí, 2017.
- ARAÚJO, D. M. S.; SILVA, M. C.; SOUSA, W. P. A. **A influência da libras no processo educacional de estudantes surdos em escola regular**. 2015. Disponível em: <https://naoolheparaoscantos.wordpress.com/artigos-e-textos/a-influencia-da-libras-no-processo-educacional-de-estudantes-surdos-em-escola-regular/>. Acesso em: 22 jul. 2020.
- BOGAS, João. **A história da libras, a língua brasileira de sinais**. Disponível em: <https://blog.handtalk.me/historia-lingua-de-sinais/>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- BRASIL. **Lei 12.319, de 01 de setembro de 2019**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em: <https://www.libras.com.br/lei-12319-de-2010>. Acesso em: 13 jan. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Biblioteca virtual em Saúde. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/surdez-3/>. Acesso em: 22 de jul. 2021.
- FERREIRA, G. E. **O perfil pedagógico do intérprete de língua de sinais no contexto educacional**. 2002. 89f. Dissertação (Mestrado em Psicopedagogia) - Universidade Presidente Antônio Carlos - UNIPAC, Bom Despacho, MG, 2002.
- JARDIM, C. A.; LEÃO, J. B. M. O tradutor/ intérprete da língua brasileira de sinais (LIBRAS), é mais que uma estratégia para o aluno surdo na sala de aula. In: PINHEIRO, M. O.; LIMA, W. B.; SILVA, A. M. da. (Orgs.). **Surdez e inclusão educacional: diálogos acadêmicos acerca da educação de surdos**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.
- LIMA, R. P.; MAIA, A. M. F.; SILVA, J. A.T. Estratégias lúdicas no ensino de LIBRAS para alunos surdos do ensino fundamental em uma perspectiva bilíngue. *In:*

ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 10./
FÓRUM PERMANENTE INTERNACIONAL DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL, 11.
2017, Sergipe. **Anais...** Sergipe: Universidade de Tiradentes, 2017.

OLIVEIRA, I. M.; SILVA, K. S. X. O trabalho do intérprete de libras na Escola: um estudo de caso. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 695-712, jul./set. 2016.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

QUADROS, R. M. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. **Porto de vista**, Florianópolis, n.05, p. 81-111, 2003.

SANTOS, W.J. **Ambiente de Ensino Aprendizagem da LIBRAS: o AEE para alunos surdos**. 11. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2013. Disponível em: [https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3\)%20Santos%20REVISTA%2011.pdf](https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3)%20Santos%20REVISTA%2011.pdf). Acesso em: 22 jul. 2021.